

## O CENÁRIO PANORÂMICO DAS PESQUISAS EM ALFABETIZAÇÃO INSERIDO NO CONTEXTO DA PERSPECTIVA DISCURSIVA ENTRE OS ANOS DE 2010 E 2019

*Camila Besen Koch<sup>1</sup>*

*Maria Aparecida Lapa de Aguiar<sup>2</sup>*

**Eixo temático :** 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar.

**Palavras-chaves:** Alfabetização; Perspectiva Discursiva.

### Introdução

Neste trabalho será apresentado um panorama envolvendo as pesquisas que foram desenvolvidas, entre os anos de 2010 e 2019, e que possuem, como base teórico-metodológica a perspectiva discursiva da alfabetização. Para tanto, utilizamos as seguintes bases de dados: o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Ministério da Educação e Cultura (CAPES/MEC), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e também as produções publicadas através do Grupo de Trabalho de Alfabetização (GT 10) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa – ANPED.

É importante destacar que esse panorama é parte de uma dissertação de Mestrado que está sendo escrita pela autora e que, portanto, ainda não foi concluída. A escolha pelo recorte temporal apontado (2010-2019) e pelas Bases de Dados pesquisadas justifica-se pelo mesmo enquadrar-se nas possibilidades e nos objetivos estabelecidos na pesquisa.

A metodologia escolhida foi a busca, através de palavras-chave previamente

---

<sup>1</sup>Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Educação Básica do Estado de Santa Catarina e do Município de Antônio Carlos. Contato: [camila.besen@hotmail.com](mailto:camila.besen@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora Doutora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: [lapa.aguiar@ufsc.br](mailto:lapa.aguiar@ufsc.br)

acordadas e relacionadas aos objetivos do estudo, às bases de dados escolhidas que encontram-se todas digitalmente disponíveis. A partir disso, com os trabalhos selecionados, iniciou-se a leitura dos resumos e, à medida que os mesmos compactuassem com os objetivos da pesquisa, adentrava-se ao trabalho buscando nele, mais informações que pudessem contribuir com os estudos acerca da perspectiva discursiva para a alfabetização e suas implicações metodológicas.

De maneira geral, pode-se afirmar que o número de pesquisas encontradas condizentes com os objetivos desse estudo é pequeno o que, nos faz considerar que ainda precisamos avançar e conhecer com mais profundidade a perspectiva discursiva para a alfabetização de crianças brasileiras.

## **2 Fundamentação teórica**

Este trabalho toma como base a perspectiva da Alfabetização Discursiva e suas implicações. Inicialmente, é importante considerarmos que essa teoria toma fôlego em nosso país a partir dos estudos de Smolka que resultam em sua tese de doutoramento. Assim, consideramos que essa perspectiva oferece um outro sentido contrapondo-se aos métodos tradicionais e à própria concepção construtivista que até então marcava-se como hegemônica no cenário do ensino da leitura e da escrita. Nesse sentido, consideramos que,

(...) a alfabetização é um processo discursivo: a criança aprende a ouvir, a entender o outro pela leitura; aprende a falar, a dizer o que quer pela escrita. (Mas esse aprendizado significa fazer, usar, praticar, conhecer. Enquanto escreve, a criança aprende a escrever e aprende sobre a escrita.). (SMOLKA, 2012, p.87).

Portanto, essa é uma perspectiva que assume as crianças como sujeitos do processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, mas, por igual, toma as professoras e professores como protagonistas desse percurso gerando, portanto, uma ênfase na relação de ensino que é construída dia-a-dia entre professora/professor e crianças.

É uma metodologia, ancorada na teoria de linguagem propostas por Vigostki e por Bakhtin que constitui-se a partir dos discursos produzidos pelas crianças, que são mediados e sistematizados pela professora. De forma geral, podemos considerar que

os discursos inaugurados por Smolka e que até hoje seguem sendo ampliados, estabelece a defesa de uma alfabetização que, de fato, seja construída: não existem receitas, cartilhas ou um método pronto. Portanto, é o conhecimento da realidade que vai dando sentido ao conhecimento linguístico, fortalecendo as crianças como e enquanto sujeitos de suas próprias vidas em uma sociedade democrática e participativa. (GOULART, 2019, p. 68).

Trata-se de ouvir as crianças e com elas, escrever e ler. Escrever sobre o que elas desejam aprender, sobre o que já sabem. Ler essas mesmas escritas ao mesmo tempo em que leem outras. Entretanto, são movimentos que convergem inicialmente com as suas realidades e que assim, façam sentido para elas. É um movimento que acontece como a vida. Logo,

Trabalhando com professoras e crianças em sala de aula, víamos como possível ensinar os aspectos considerados “técnico” e “mecânicos” da escrita – as letras, os nomes das letras, os sons das letras, as diversas relações entre as letras, palavras, texto, etc. – enquanto *formas de dizer*. Ressaltávamos a importância de se *aprender a ler e escrever como enunciação, como movimento enunciativo, discursivo*. Não havia pré-requisitos. Havia múltiplas formas de leitura, de relações com a escrita e de produção de textos. E isso rompia com a ideia de linearidade do desenvolvimento, a ideia de prontidão, as sequências pré-estabelecidas de ensino etc. (SMOLKA, 2017, p. 31).

Ouso aqui inferir o quanto os estudos de Smolka, ampliados por outros pesquisadores e pesquisadoras igualmente importantes, ainda precisam ser espalhados pelos cursos de formação – tanto inicial, quanto continuada, de professores e professoras. Assim, podemos questionar-nos: estamos abrindo os nossos leques para além daquelas teorias que são consideradas oficiais? Nos estão sendo oportunizadas essas aberturas? Em um tempo de ascensão de uma Política Nacional de Alfabetização (PNA) que privilegia e toma como inovador o já conhecido método fônico, acredito ser importante oportunizarmos movimentos que caminhem na contra-hegemonia dessas direções impostas a nós, professoras e professores, de maneira tão verticalizada.

### 3 Metodologia

Conforme evidenciado anteriormente, existe aqui a defesa de uma

alfabetização que constitua-se dentro da perspectiva discursiva. Por isso, consideramos importante realizar um levantamento de dados em três plataformas: o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Ministério da Educação e Cultura (CAPES/MEC), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e também das produções publicadas através do Grupo de Trabalho de Alfabetização (GT 10) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa – ANPED.

Nosso objetivo com essa ação foi mapear o número de pesquisas que foram realizadas entre os anos de 2010 e 2019, e que tiveram como foco a alfabetização na perspectiva discursiva.

#### 4 Resultados e Discussão

Inicialmente, realizamos buscas utilizando as palavras-chaves alfabetização e teoria discursiva. No Banco de Teses e Dissertações da CAPES encontramos muitos resultados: 117.163. Entretanto, a maioria dos títulos não relacionava-se com o foco de nosso trabalho, indicando que, possivelmente o termo *teoria discursiva* era amplo demais. Com isso, optamos por trocá-lo por discurso. Assim, apareceram, nesse mesmo espaço temporal, 32.597 trabalhos publicados.

A partir desses resultados, utilizamos mais alguns filtros para refinar a pesquisa e aproximar-se, assim, dos nossos objetivos. Como *grande área do conhecimento* optamos pela escolha das Ciências Humanas e também de Linguística, Letras e Artes. Em seguida, as áreas de conhecimento selecionadas foram Letras (com o maior número de trabalhos) e Educação. Assim, chegamos ao número de 7.791 trabalhos publicados no Banco de Teses e Dissertações da Capes. Desses, temos o seguinte quadro:

**Quadro 1: Relação de trabalhos por curso e área de inserção:**

Educação			Letras			Total
Mestrado	Doutorado	Mestrado Profissional	Mestrado	Mestrado Profissional	Doutorado	7.791
2.497	1.011	364	2.890	15	1.014	

Fonte: Pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES

É importante destacar o quanto as pesquisas envolvendo a alfabetização em

uma perspectiva discursiva têm se concentrado nos Programas de Pós-Graduação em Letras e não necessariamente nos da Educação. Assim, podemos perguntar-nos: os professores, mais precisamente os Pedagogos e, portanto, alfabetizadores, não estariam à margem dessas discussões? Ou, seriam outras as suas áreas de interesse?

Como o número de trabalhos ainda era muito grande, optamos por utilizar mais um refinador em nossa pesquisa. Nesse sentido, escolhemos como *área de concentração* a educação. Por fim, chegamos ao número de 2.075 trabalhos publicados – 644 teses de Doutorado, 1520 dissertações de Mestrado e 26 dissertações de Mestrado Profissional.

Desses, a autora e pesquisadora com maior número de orientações é a professora Cláudia Maria Mendes Gontijo, uma importante referência para a disseminação e ampliação das reflexões e pesquisas envolvendo a teoria discursiva para o ensino da leitura e da escrita.

Logo em seguida, com o segundo maior número de orientações, aparece a professora Ludmila Thomé de Andrade – professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisadora Alice Ribeiro Casimiro Lopes, professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), também aparece com um número expressivo de orientações.

Optamos por destacar as três pesquisadoras que mais atuaram como orientadoras de trabalho dentro dos filtros utilizados por nós, para evidenciarmos os sujeitos que se colocam como uma espécie de vertente na potencialização das discussões que envolvem a perspectiva discursiva. Nesse sentido, o fato das três principais professoras, doutoras e pesquisadoras que orientaram esses trabalhos, serem mulheres e funcionárias de Universidades Públicas ajuda-nos a traçar um perfil importante em relação a essa questão.

Em um movimento de aproximar-se com mais especificidade do nosso objeto de pesquisa, decidimos pesquisar também na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Nesse sentido, utilizamos o descritor “abordagem discursiva” filtrando-o por meio dos títulos dos trabalhos disponíveis e do recorte temporal escolhido: 2010 a 2019. Com isso, encontramos 30 resultados. Desses, selecionamos apenas os ligados à educação e à área das Letras, resultando em 25 pesquisas. Novamente, os Programas com o maior número de trabalhos são os relacionados à

Linguística/Letras – 22 trabalhos, os demais estão vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Educação. Entretanto, uma das pesquisas foi contabilizada duas vezes pela plataforma, o que resulta em apenas 2 trabalhos ligados à Educação:

**Quadro 2: Relação de pesquisas inseridas na área da Educação:**

Modalidade	Título	Autora	Instituição	Ano
Tese	Novas tecnologias da informação e da comunicação e educação on line: uma abordagem discursiva	Pollyana dos Reis Ferreira Fanstone	Pontifícia Universidade Católica de Goiás	2007
Tese	As relações sons e letras e letras e sons em livros didáticos de alfabetização (PNLD 2010): limitações e desafios ao encontro de uma abordagem discursiva de linguagem	Regina Godinho de Alcântara	Universidade Federal do Espírito Santo	2014

Fonte: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

A pesquisa de Fanstone (2007) aborda o sentido dominante das Novas Tecnologias e os seus efeitos na educação. O foco da pesquisa são os professores do ensino superior o que faz, portanto, com que ela não se alinhe aos nossos objetivos.



A tese elaborada por Alcântara (2014) desenvolve um estudo que tem como objetivo investigar de que maneira os livros didáticos destinados ao primeiro ano, de duas determinadas coleções, trabalham e abordam as relações entre letras e sons. A pesquisa está balizada nos estudos de Gontijo e Schwartz (2009) e também na concepção de linguagem elaborada por Bakhtin. A autora revela que esses materiais, por não tomarem o texto como unidade de ensino, criam obstáculos para a aprendizagem das crianças. “Tratam, pois, a língua materna como uma língua estrangeira ou morta, como se esta fosse estática, permanecendo imune à evolução histórica.” (ALCÂNTARA, 2014).

A partir desse panorama, podemos levantar inúmeras questões relacionadas ao livro didático no contexto da alfabetização e amplia-las para a utilização de tantos outros materiais considerados *didáticos*. Por vezes, essas ferramentas deixam de ser objetos de apoio para tornarem-se protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. E, se nesse caso, o livro assumir uma perspectiva de linguagem *morta* como Alcântara (2014) aponta que encontrou, estaremos contribuindo para o que Mortatti (2019, p.89) destaca:

(...) na escola brasileira se vem ensinando e aprendendo uma imagem idealizada e equivocada da linguagem/língua – e, em decorrência, de leitura, escrita e “texto” – que constitui o objeto de uma aprovação social e sua “versão autorizada”, sua “face legítima”.

Dessa forma, reafirmamos o pressuposto de que devemos, na condição de alfabetizadores, trabalhar com uma linguagem viva, sem optar por materiais que a forjem ou a artificializem, lembrando-nos da lógica das cartilhas.

Entretanto, não se trata aqui de uma culpabilização do livro didático, afinal, como professora assumo a sua importância mas, o faço dentro de uma perspectiva de tomá-lo como um recurso e não uma exigência. Para além disso, existe a dimensão social que esse tipo de material, que, de maneira geral fica sob posse das crianças, assume: para muitas famílias os livros que a escola oferece são os únicos que elas possuem.

**Quadro 3: Relação de pesquisas inseridas nas linhas de Letras/Linguística cujos títulos aproximam-se dos objetivos desta dissertação:**

Modalidade	Título	Autor(a)	Instituição	Ano
Tese	O livro	Carvalhaes,	Universidade	2016

	didático de português: abordagem discursiva de exercícios de compreensão de texto	Wesley Luis.	Federal de Goiás. (UFG).	
--	---	--------------	--------------------------	--

Fonte: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Conforme evidenciado, o número de pesquisas inseridas nas linhas de Letras/Linguística que se aproximam de nossa pesquisa é muito pequeno: apenas uma.

A tese de Carvalhaes (2016) faz uma análise de exercícios que são propostos nos principais livros didáticos de língua portuguesa que são usados nas escolas públicas da Rede Estadual de Ensino de Goiânia. O foco do autor concentra-se no nono ano do ensino fundamental, o que, portanto, não configura-se como nosso objeto, já que tratamos aqui sobre a alfabetização de crianças.

A partir de nossa pesquisa pela Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) encontramos, dentro dos 30 trabalhos pautados a partir dos filtros utilizados, dois que trazem como ponto comum a análise de livros didáticos (ALCÂNTARA, 2014 e CARVALHAES, 2016). Com isso, é possível indagar-nos sobre a relevância e a constituição desse material tão presente nas salas de aula dos Ensinos Fundamental e Médio: quem os escreve? Quais as bases teórico-metodológicas que estão inseridas neles? Quais modelos são escolhidos? Qual o nível de participação dos professores e professoras na escolha desses materiais?

Portanto, ao assumirmos a perspectiva discursiva como possibilidade para a alfabetização das crianças brasileiras, compreendemos que os materiais que dão suporte à ação docente, como os livros didáticos, são importantes, mas, precisamos estar atentas para que não corroborem, a partir do uso desses materiais, com aquilo que Smolka (2012, p. 153) aponta ao afirmar que,

(...) a escola tem ensinado as crianças a escrever, mas *não* a dizer – e sim, repetir – palavras e frases pela escritura; não convém que elas digam o que pensam, que elas escrevam o que dizem, que elas escrevam *como* dizem (porque o “como dizem” revela as diferenças); a escola tem ensinado as crianças a ler um sentido supostamente unívoco e literal das palavras e dos textos e a escola tem banido



aqueles que não conseguem aprender o que ela ensina, culpando-os pela incapacidade de entendimento e de compreensão.

Afinal, a partir da perspectiva discursiva, assumimos que o trabalho docente se pauta na vida, ou seja, naquilo que as crianças vivem dentro e fora dos bancos escolares. Por isso, quando trabalhamos com materiais que apagam essas singularidades e as tornam ilegítimas ou incorretas, estamos também marginalizando as possibilidades de nossos alunos operarem transformações na sociedade em que vivem.

No âmbito do Grupo de Trabalho da Alfabetização, Leitura e Escrita (GT 10) da Anped, ao acessarmos a biblioteca e inserirmos os termos alfabetização; teoria discursiva, nenhum resultado é apresentado. Posteriormente, ao optarmos pelos termos alfabetização; discurso, aparecem apenas quatro trabalhos, sendo um deles (GOMES, CASTANHEIRA, 2007) apresentado em forma de pôster:

**Quadro 2: Trabalhos envolvendo os termos alfabetização; discurso no GT 10 da ANPED:**

<b>Título do Trabalho</b>	<b>Autora (as)</b>	<b>Ano</b>
Construção de subjetividade: uma análise do diálogo das crianças com o discurso da escola	Francisca Maura Lima	2012
Discurso e interação em sala de aula nos eventos de Letramento	Suzana dos Santos Gomes; Maria Lucia Castanheira	2007
Refletindo sobre o ensino fundamental de nove anos como acontecimento discursivo: um estudo introdutório	Maria Sirlene Pereira Schlickmann	2013
Entre cursos e	Camila dos Santos	2013

discursos: o discurso político de formação de professores alfabetizadores no programa ler e escrever no estado de são paulo e a busca da escola de qualidade	Almeida; Elvira Cristina Martins Tassoni	
--	---	--

Fonte: Biblioteca da ANPED – GT 10.

Além do número de trabalhos ser bastante pequeno, percebemos que os seus anos de publicação também não são recentes. Nesse sentido, podemos inferir que o GT 10, inserido na ANPED, responsável por reunir e disseminar pesquisas envolvendo Alfabetização, Leitura e Escrita no âmbito da pós-graduação, estaria priorizando outras áreas de interesse? Ou que trabalhos envolvendo a perspectiva discursiva não estariam sendo encaminhados para o grupo? Há ainda a possibilidade de a plataforma digital estar desatualizada?

Dentre os três trabalhos acima citados, que foram publicados e apresentados em diferentes reuniões organizadas pela Anped em forma de artigos, podemos destacar que apenas um deles tratou de maneira mais enfática da perspectiva discursiva enquanto prática de alfabetização.

## 5 Considerações Finais

A partir do levantamento dos dados acima destacados, podemos inferir que o número de pesquisas que abordaram a perspectiva discursiva e foram publicadas entre os anos de 2010 e 2019 é pequeno e, de maneira geral, está muito mais relacionado à área da linguística do que a da Educação, que é a que forma os Pedagogos, responsáveis pelo ensino da leitura e da escrita para as crianças. Assim, conclui-se que é importante que haja um movimento de ampliação dessas pesquisas e conseqüentemente, das discussões que envolvem alfabetizar em uma perspectiva discursiva.

## Referências

- ALCÂNTARA, Regina Godinho de. **As relações sons e letras e letras e sons em livros didáticos de alfabetização (PNLD 2010):** limitações e desafios ao encontro de uma abordagem discursiva de linguagem. Tese (doutorado). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014.
- CARVALHAES, Wesley Luis. **O livro didático de português:** abordagem discursiva de exercícios de compreensão de texto. Tese (doutorado). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2016.
- GOULART, Cecília M.A. **Para início de conversa sobre os processos de alfabetização e de pesquisa.** In.: GOULART, Cecília M.A.; GARCIA, Inez Helena Muniz; CORAIS, Maria Cristina. (Orgs.). **Alfabetização e discurso:** dilemas e caminhos. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.
- MORTATTI, Maria do Rosario. **Métodos de alfabetização no Brasil:** uma história concisa. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamente. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Da alfabetização como processo discursivo:** os espaços de elaboração nas relações de ensino. In.: GOULART, Cecília; GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; FERREIRA, Norma Sandra de A. (org.). **A alfabetização como processo discursivo.** 30 anos de A criança na fase inicial da escrita. São Paulo: Cortez, 2017